

O PAPEL DA PSICOPEDAGOGIA E A DIFICULDADE DA APRENDIZAGEM DE LEITURA: UM ESTUDO DE CASO.

EDEILDES DE MOURA TSUHA¹

SOLEIDE SILVA FERREIRA²

RESUMO

O presente artigo foi proposto através da necessidade de se trabalhar a leitura logo no início da vida, dando significados e sensibilizando o ser. É preciso que todos estejam engajados nessa busca de tornar crianças leitores fluentes, o que inclui um ensino com mais atenção às dificuldades de aprendizagem de leitura. Foi uma pesquisa bibliográfica e de campo, na turma do 3º ano do Ensino Fundamental I, em uma escola da rede particular de ensino, situada no município de Nossa Senhora do Socorro/SE, em que buscou-se recolher dados sobre um aluno que demonstrava dificuldades de leitura. A pesquisa pôde concluir que a leitura continua sendo o grande fator no desenvolvimento cognitivo e social do educando. Contudo, é preciso o envolvimento de toda equipe escolar, família e profissionais da educação, a fim de aproximar os múltiplos contextos no e fora da sala de aula.

Palavras-chave: Psicopedagogia. Dificuldade de Aprendizagem. Leitura.

ABSTRACT

¹

Graduando em Psicopedagogia Clínica e Institucional.

²Mestre em Ciências da Educação, Psicopedagoga Clínica e Institucional, Especialista em Política Educacionais e Sociais, Pedagoga. Professora do Ensino Fundamental (Sala de Recursos), Ensino Superior e Pós-Graduação.

This article was proposed by the necessity of to begin the reading work in the early years of life, giving meanings and sensitizing the being. Everyone needs to be engaged in this quest to make reading children fluents. which includes a teaching with more attention to learning reading difficulties. it was a bibliographical and field research, in the third year class of elementary school, in a private school, located in the municipality of Nossa Senhora do Socorro/SE, where it was sought to collect data from a student who demonstrated reading difficulties. The research was able to conclude that reading continues to be the biggest factor of cognitive and social development of the student. Yet, it requires the involvement of all school staff, family members, education professionals, in order to bring the multiple context closer together in and out of the class room.

Keywords:Psychopedagogy. Learning difficulties. Reading.

1 INTRODUÇÃO

Oportunizar momentos de encontro e encantamento do indivíduo com a leitura, principalmente à criança de séries iniciais, tem sido um grande desafio para a escola e para as famílias. É preciso que todos estejam engajados nessa busca de tornar crianças leitores fluentes, o que inclui um ensino com mais atenção às dificuldades de aprendizagem de leitura que por ventura surjam, pois, a potencialidade para termos um mundo mais livre de preconceitos e discriminações é emanada da leitura.

Nesse sentido, cabe, pois, citar que:

Ler sempre representou uma das ligações mais significativas do ser humano com o mundo. Lendo reflete-se e presentifica-se na história. O homem, permanentemente, realizou uma leitura do mundo. Em paredes de cavernas ou em aparelhos de computação, lá está ele reproduzindo seu “estar-nos mundo” e reconhecendo-se capaz de representação. Certamente, ler é engajamento existencial. Quando dizemos ler, nos referimos a todas as formas de leitura. Lendo, nos tornamos mais humanos e sensíveis (CAVALCANTI, 2002, p. 13).

De acordo com o autor acima, a leitura coloca o indivíduo presente no mundo: a ausência dela, o deixa cego, mudo e escravo de um mundo cheio de desigualdades e injustiças. Melhor seria que o ato de ler fosse introduzido logo no início da vida, dando significados e sensibilizando o ser. É nesta perspectiva que a pesquisa foi proposta.

Propõe-se, portanto, neste estudo, levantar questões acerca do papel da psicopedagoga na Escola CEFC, localizada no município de Nossa Senhora do Socorro, Sergipe, bem como analisar as dificuldades da aprendizagem de leitura na turma de 3º ano da escola supracitada.

A estrutura do presente estudo foi composta a partir desta introdução ao tema; do referencial teórico que discutiu a importância do ato de ler, o que é psicopedagogia na escola, apresentando caminhos diferentes na prática pedagógica em relação à leitura, como também o distúrbio de leitura na fase de formação de um leitor.

Além disto, foi realizada uma pesquisa de campo para validar a hipótese de que é possível minimizar os casos de iletrismos e dificuldades de leitura no Ensino Fundamental I através de os resultados foram gerados em gráficos na seção de Análise e discussão dos dados obtidos. Por fim, há as considerações finais, as referências, anexos e apêndices que são frutos dessa pesquisa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Esta seção teve o propósito de aportar teoricamente os autores que contribuíram na sustentação e na construção do estudo de caso retratado neste Trabalho de Conclusão de

Curso (TCC). Deste modo, o Referencial Teórico procurou estabelecer uma visão ampla dos atributos da leitura e a importância do psicopedagogo neste campo para minimizar a dificuldade e os distúrbios de leitura. Para tanto, foi estruturada a seção em cinco subseções: o que é psicopedagogia; visão da leitura; ler é uma arte; distúrbio da leitura e distúrbio de leitura na infância.

2.1 O QUE É PSICOPEDAGOGIA

Antes de mais nada, faz-se essencial compreender o significado da palavra psicopedagogia, no artigo I, do Código de ética da Psicopedagogia (1993) diz que a psicopedagogia é “um campo de atuação em Educação e Saúde que se ocupa do processo de aprendizagem considerando o sujeito, a família, a escola, a sociedade e o contexto sócio-histórico, utilizando procedimentos próprios”.

Em outra definição, Porto (2006, p. 107) diz que “a Psicopedagogia é uma área de estudo nova, voltada para o atendimento de sujeitos que apresentam problemas de aprendizagem”. Segundo o autor, esta ciência tem “o objetivo de resgatar uma visão mais globalizante do processo de aprendizagem e dos problemas desses processos”

Há vários ramos da psicopedagogia, junto a isso, temos o psicopedagogo clínico que é o profissional responsável por cuidar das dificuldades de aprendizagem humana, valendo-se de seus métodos, técnicas e instrumentos que viabilizam incontáveis formas de abordagem (CORDEIRO, 2013).

A psicopedagogia institucional tem a finalidade de prevenir as dificuldades de aprendizagem, pois os indivíduos que não são entendidos em suas dificuldades iniciais poderão bloquear a aprendizagem e possivelmente necessitarão de atendimento clínico (MALAGGY; MARCON; 2012).

A psicopedagogia é uma das possíveis abordagens da situação educacional, a que leva em consideração seus componentes psicológicos: característicos dos indivíduos e dos grupos, relações

entre professores e alunos, articulação dos conteúdos e dos métodos com os processos individualizados de aprendizagem etc. (CORDEIRO, 2013, p.14).

Conforme os autores supracitados, o psicopedagogo desempenha papel importante na intervenção do processo de aprendizagem quando o aluno demonstra dificuldade em aprender. É ele que investigará, procurará meios de facilitar e mediar à aprendizagem. Miranda, contudo, afirma que o psicopedagogo age como um “solucionador” para os problemas de conduta e aprendizagem (MIRANDA, 2010, p. 01).

No primeiro nível o psicopedagogo atua nos processos educativos com o objetivo de diminuir a “frequência dos problemas de aprendizagem”. Seu trabalho incide nas questões didático-metodológicas, bem como na formação e orientação de professores, além de fazer aconselhamento aos pais. No segundo nível o objetivo é diminuir e tratar dos problemas de aprendizagens já instalados. Para tanto cria-se plano diagnóstico da realidade institucional, e elaboram-se planos de intervenção baseados nesses diagnósticos a partir do qual se procura avaliar os currículos com os professores, para que não se repitam tais transtornos. No terceiro nível o objetivo é eliminar transtornos já instalados em um procedimento clínico com todas as suas implicações. O caráter preventivo permanece aí, uma vez que ao eliminarmos um transtorno, estamos prevenindo o aparecimento de outros (BOSSA, 2007, p. 25).

Este profissional busca desfazer amarras que prendem o sujeito, dificultando o seu aprendizado, procura compreendê-lo como um corpo dinâmico, que sente medo, angústia, que usa de defesas, ansiedades, mas cheio de criatividade e possibilidade de aprender. Nesse sentido, Cordeiro (2013) afirma que:

Cabe ao psicopedagogo a função de dialogar com este corpo, desatando nós que se colocam como impedimentos à vida e à inteligência criativa, tendo como foco de atenção o sujeito diante das atividades que executa (CORDEIRO 2013, p. 53).

Para tanto, esta ciência envolve conhecimentos de outras áreas como a psicologia, a neurologia, a linguística, a psicanálise e entre outras (CORDEIRO, 2013, p. 14). Neste contexto o psicopedagogo precisa ser um pesquisador, conhecer os campos de estudo que o fazer psicopedagógico exige, estudar os teóricos, compreender a sua condição humana e profissional, pois a psicopedagogia dar oportunidade para o psicopedagogo escolher uma linha do saber que o deixa confortável no exercício de sua prática.

2.2 VISÃO DA LEITURA

De acordo com (MORAIS, 1996), antes do século XIX, a leitura era assunto para poucos, no entanto, hoje é dado o direito de ler, escrever e contar [...]. Entretanto, como a alimentação, a leitura permanece muito mal compartilhada. Temos dados que apontam que a humanidade caminha para um crescente analfabetismo do qual a sociedade imaginava estar livre. 617 milhões de crianças e adolescentes no mundo todo não estão adquirindo habilidades mínimas em leitura, escrita e matemática, já existem 750 milhões de jovens e adultos que não sabem ler nem escrever, como declarou a diretora-geral da UNESCO Audrey Azoulay (ONUBR, publicado em 06/09/2018a)³.

Audrey Azoulay (2018) afirma que a rejeição, discriminação de gênero, desigualdades sociais e injustiças ao alto índice de analfabetos. [...] “Essas deficiências seriamente debilitantes levam, na prática, à exclusão da sociedade e perpetuam uma espiral de desigualdades sociais e disparidade de gênero”.

É imprescindível que, para gerar leitores hábeis, é necessário dedicação, empenho no cultivo aos atos de ler e compreender o que está sendo lido. A partir do simples empregado que utiliza manuais ligados as suas ocupações até juízes que precisa entender textos relativos às leis, o estudante que ler para realizar seus exames, o cidadão que precisa se posicionar diante das urnas, a simples dona de casa que é desafiada a educação da família, o feirante, o executivo, a leitura se faz extremamente importante.

Segundo Paulo Freire (1989), a leitura da palavra vem antes mesmo da leitura do mundo. Ele salienta a importância crítica da leitura no período da alfabetização, propondo ao educador uma prática em que o seu fazer seja significativo ao alfabetizando, experimentando práticas concretas, isto é, possível de emancipação e construção de identidade, inserindo o alfabetizando num processo criador, no qual ele é protagonista. Nesta perspectiva, linguagem

³ Ver: <<https://nacoesunida.org/unesco>>. Acesso em 21 de dez. 2019.

e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto, a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Junto a isso, a leitura crítica e não automatizada leva o leitor à verdadeira ação cultural e libertadora afastando-se da condição de alienação, assim ela passa a ser um instrumento que leva à transformação a serviço da cidadania. Este tipo de leitura é carregado de exigências com a qual o leitor se esbarra, é, pois, um conjunto de complexidade de ações da consciência que são automaticamente ativados durante o encontro do leitor com a mensagem escrita, em consequência disto, ele percebe que ler não é apenas decodificar signos, mas compreender e criticar o que se é lido.

A crítica leva o florescimento do ser leitor, prestes a dar frutos, criar seu próprio texto, para isso o único pré-requisito é a faculdade do questionamento sobre o mundo. O saber não se mistura com o saber decodificar. Rossini (2008) alerta que:

Para educarmos um ser humano, convém saber o que queremos que ele se torne. É necessário indagar para que vivem os homens, ou seja, qual é a felicidade da vida e como ela deve ser. Nós, pais e educadores, devemos estar atentos às mudanças sociais questionando sobre a natureza do mundo e os limites fixados “para o quê” e “para o quê” e “para que” saber e fazer (ROSSINI, 2008, p. 8).

Só a leitura compreendida como uma social e reflexiva oportuniza uma relação criativa, crítica e libertadora com a escrita, apresentando-se como uma provocação para qualquer passo de democratização e mudança coletiva.

Silva (1995, p.78), por sua vez, define leitura como “uma necessidade concreta para aquisição de significados e consequentemente, de experiências nas sociedades onde a escrita se faz presente”. Deste modo, não basta apenas a aquisição da língua materna para confiar que o leitor se apropriou das habilidades necessárias à leitura e a escrita. Portanto, a decodificação de signos é insuficiente para se concretizar uma relação eficiente e amorosa com o ato de ler.

2.3 LER É UMA ARTE

Para Morais (1996, p. 212), a leitura é um modo particular de aquisição de informação. Para ele capacidade de leitura e performance de leitura são atividades distintas. Performance seria o grau de sucesso da atividade de leitura, já a capacidade refere-se ao conjunto dos recursos mentais que mobilizamos ao ler.

Utilizamos conhecimento do significado das palavras, processo de análise sintática e de integração semântica; conhecimento de mundo, experiências pessoais para compreender os textos (MORAIS, 1996, p. 114). Deste modo, a leitura tem o poder de transportar o leitor tanto para o seu interior quanto para os mais variados ambientes, ela é capaz de desconstruir conceitos já estabelecidos causando desconforto, pois provoca indagações necessárias a construção de saberes.

Conforme menciona Petit (s/d, p.147), “O leitor vai ao deserto, fica diante de si mesmo: as palavras podem jogá-lo para fora de si mesmo desalojá-lo, de suas certezas, de seus pertencimentos”. Nesta perspectiva, a leitura tem o poder de transportar o leitor para o universo interior do sujeito, provoca, pois, indagações, constrói e desconstrói conhecimentos, o que torna o leitor crítico e reflexivo.

Faz-se necessário mencionar que “para aprender a ler é preciso ler bem devagar, e em seguida ler bem devagar e, sempre, até o último livro que terá a honra de ser lido por você, será preciso ler bem devagar” (FAGUET, 2009, p.10). Nesta perspectiva de Faguet (2009), a leitura pode ser encarada como arte de refletir, de analisar o entendido ou lido. Ler devagar para compreender o que estar sendo comunicado acumulando ingredientes para alcançar uma leitura crítica, de instrução e ampliação do conhecimento.

Segundo Allan Poe (2000), a questão do efeito, remota-nos à ideia de impressão, de incidentes, de tom, de acontecimentos que auxiliam na construção de um efeito. Assim é a

arte da leitura aquela em que a comunicação se torna significativa para o leitor e produza um efeito tal que incorpore entendimento.

O ato de ler transcende a escrita, também significa e ressignifica a vivência de quem ler, pois provoca indagações, inquietações acerca dos elementos do mundo. Na visão de Foucambert (1994, p. 43), “ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo. Significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita”.

Contudo, para adquirir o hábito da leitura é necessário motivação e exercício, essas são as condições essenciais que possibilitam o ato de ler. A motivação estabelece uma relação de afetividade com o que está escrito. Como lembra Solé (1998, p. 91), “nenhuma tarefa de leitura deveria ser iniciada sem que as meninas e meninos se encontrem motivados para ela, sem que esteja claro que lhe encontram sentido”. Além disso, Silva (2002) salienta que:

a pessoa que sabe ler e executa essa prática social em diferentes momentos de sua vida tem a possibilidade de desmascarar os ocultamentos feitos e impostos pela classe dominante, posicionar-se frente a eles e lutar contra eles (SILVA, 2002, p. 49).

Desse modo, desenvolver o gosto pela leitura não é tarefa fácil. A escola desempenha papel fundamental nesta tarefa, é nas mãos do professor que está à responsabilidade de ser o motivador desta ação. Portanto, trabalhar a leitura requer bastante dedicação e amor, e, compete ao professor inspirar o apreço literário do corpo discente, conforme explica Antunes (2007, p. 31),

O trabalho de leitura na escola deve começar pelo professor, para que ele, o professor, se aproxime do livro, vença suas dificuldades pessoais, amplie seus conhecimentos e cultive o gosto pela leitura e pelas atividades com o livro de leitura.

A família também deve assumir o papel de co criadora de futuros leitores proporcionando espaços de leitura e principalmente dispondo de tempo para ler com suas crianças. Ainda segundo Antunes (2007, p. 19),

O universo da criança tem como o primeiro referencial, o contexto familiar e, à medida que ela se desenvolve, ele se amplia através de novas relações de amizade que acontecem, de forma muito significativa, no contexto escolar.

Nesse sentido, todo o esforço da família servirá de âncora para a escola desempenhar de forma segura e significativa o seu papel de socializar o conhecimento e promover o pleno desenvolvimento do indivíduo.

2.4 DISTÚRBIOS DE LEITURA

A prática da leitura não tem relacionamento com o poder aquisitivo dos indivíduos, mas com sua relação ao ato de ler e com a oferta proporcionada pela escola. Existem famílias que vivem cercadas de livros, mas não têm desabrochado em si a curiosidade e nem a ousadia para explorá-los. Já a escola sendo um espaço dinâmico deve ser o maior estimulador da leitura, sendo ainda um dos principais meios de formar leitores críticos, mas nem sempre é assim, pois em algumas lhes falta recursos, todavia em muitas localidades é possível contar com apoio solidário de colaboradores individuais com a finalidade de minimizar este cenário.

Ser um leitor habitual não é fácil para alguns. Existem aqueles que se contrapõe ao ato de ler, apresentando um desenvolvimento apático no que consiste um verdadeiro leitor. Deste modo, cabe, pois, citar que:

Os números do iletrismo funcional (ou seja, a incapacidade real de ler e escrever o material necessário ao trabalho e à vida de cidadão, apesar da passagem pela escola e até a obtenção de certificados) impressionam aqueles que leem as estatísticas, quer dizer, os letrados (MORAIS, 1996, p. 17).

Junto a isso, para que a escola seja coo criadora de pessoas pensantes e agentes no processo de leitura do mundo, é necessário que haja uma pedagogia que preze a formação humana, apresentando aos leitores iniciantes ou fluentes um contexto de aprendizagem favorável dinâmica e prazerosa. Ao educador, cabe desenvolver estratégias para que aconteça a tomada de consciência da situação atual vivida pelo educando, oportunizando-lhe momentos

de sistematização e associação de maneira prática e significativa a sua vivência com a leitura e a escrita, ainda ao educador cabe demonstrar prazer em realizar as atividades propostas e despertar esse sentimento em seus alunos que o observam todo o tempo.

Segundo Silva (2002), a proporção da leitura nos ambientes escolares é de responsabilidade de todos que fazem a comunidade escolar, ele ressalta que não se supera uma dificuldade com ações isoladas. Neste sentido, para efetivar a formação de leitores é preciso instigação, tendo como uma das bases a frequência em ouvir histórias literárias e, num momento posterior, a convivência com livros diversos, de diversos seguimentos e informações acordando os mais variados interesses dos futuros leitores. Os livros devem ser como gênero de primeira necessidade na vida de cada pessoa para que a leitura se faça familiarizada como tantos outros hábitos adquiridos ainda na mais tenra idade.

Morais (1996, p. 221) comenta que diversos autores afirmam existir vários tipos de leitores deficientes. Os disléxicos fonológicos são os que apresentam dificuldade grave na leitura de pseudopalavras, os disléxicos ortográficos que apresentam uma incapacidade no tratamento ortográfico, sua dificuldade está relacionada à leitura de palavras irregulares, os disléxicos mistos os quais apresentam dificuldade tanto no processo fonológico como ortográfico e ainda os leitores que fogem ao padrão dos ditos normais são os simplesmente chamados de leitores retardados.

O que se sabe é que várias são as definições acerca do que seja dislexia e seu diagnóstico, essas questões têm sido motivo de discussões entre vários os estudiosos a exemplo disso temos Ianhez (2002) que defende a dislexia como sendo um distúrbio que tem origem na hereditariedade, pois:

Não é uma doença, mas um distúrbio com uma série de características. Torna-se evidente na época da alfabetização, embora alguns sintomas já estejam presentes em fases anteriores. Apesar de instrução convencional, adequada inteligência e oportunidade sociocultural e ausência de distúrbios cognitivos fundamentais, a criança falha no processo de aquisição da linguagem. A dislexia independe de causas intelectuais, emocionais e culturais. É hereditária e a maior incidência é em meninos na proporção de três para um (IANHEZ, 2002, p. 21, 22).

Para Siegel (2006) o problema maior é que a dislexia não pode ser diagnosticada por meio de exames de laboratório ou de imagens. Já Davis (2004, p. 134) defende que a dislexia “deveria ser chamada com maior exatidão de risco de condicionamento”, pois quando a aprendizagem é apresentada de maneira significativa, prática, “os disléxicos conseguem dominar muitas coisas mais rapidamente do que a pessoa comum levaria para compreendê-las”.

O importante é que todos envolvidos no processo de aprendizagem do indivíduo tenha o comprometimento perante as dificuldades de aprendizagem e desperte o olhar investigador a fim de oportunizar meios de sanar ou minimizar tais dificuldades.

2.4.1 Distúrbios de leitura na infância

É no período da infância que algumas crianças têm o primeiro contato com a leitura. Nessa fase, é primordial que haja o incentivo à leitura, fundamentando-a em contextos significativo, porém, essa abordagem deve partir das apropriações iniciais que a criança incorpora nas circunstâncias sociais de leitura dentro e fora da escola e que lhe permitam pensar e perceber que a escrita lhe traz experiências significativas. No entanto, isto não quer dizer que o leitor iniciante ainda em processo de socialização e de racionalização da realidade, assim como o que o apresenta interesse em descobrir coisas, ou o leitor fluente, na fase da consolidação da leitura e da compreensão, ou ainda do leitor crítico que é a fase da dominação da leitura, mereça menos atenção.

A leitura é essencialmente indispensável, a literária também é fundamental, conforme assegura Lajolo (2008, p. 106):

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confirmam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer, plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos (LAJOLO, 2008, p. 106).

De acordo com o pensamento de Lajolo, é essencial que se identifique ainda no ensino infantil os indícios que chamem a atenção de alterações que venham dificultar a apropriação da leitura e escrita e, nesses casos sejam adotadas intervenções adequadas às alterações observadas. Sendo nos aspectos linguísticos, existem inúmeras possibilidades e métodos que podem estimular a aquisição da leitura ainda nesta fase a criança pode apresentar sintomas como: atraso na fala, dificuldade espacial, dificuldade de memória, dificuldade em aprender músicas, encontrar palavras que rimam, dificuldade em aprender cores, em algumas ocasiões demonstra aptidão para o desenho, jogos como quebra-cabeça, lego, criatividade, em outras situações demonstra desinteresse.

A base da dislexia está na perda da condição para ler ou deficiência na aprendizagem da leitura em relação ao estágio de vida em que o indivíduo se encontra, mesmo sem apresentar lesão cerebral, a inteligência ser normal. O indivíduo pode ser dislético por manifestar dificuldades na leitura e na escrita (ZONTA, 2008).

Isto não significa toda criança que apresente alguns dos sintomas seja dislética, no entanto, ela merece toda devida atenção, pois quando a dislexia é genética, a criança aponta, desde cedo, sinais que a diferencia das demais.

Assim, melhor será que a criança seja avaliada por uma equipe multidisciplinar especializada a fim de investigar o motivo da deficiência, conforme afirma Zonta (2008, p. 3):

A equipe de profissionais verificará todas as possibilidades antes de confirmar ou descartar o diagnóstico de dislexia. É a avaliação multidisciplinar e de exclusão. Neste processo ainda é muito importante tomar o parecer da escola, dos pais e levantar o histórico familiar e de evolução do paciente (ZONTA, 2008, p. 3).

Desse modo, a escola e a família devem trabalhar juntos para que a criança se sinta segura, acolhida e com sua autoestima elevada, pois é comum haver fracasso escolar ou desencadear outros distúrbios até mesmo de comportamento, por conta da não superação da criança em relação a sua dificuldade de leitura. Conforme Araújo (2007, p. 1), o dislético:

Geralmente demonstra insegurança e baixa auto-estima, sentindo-se triste e culpado. Muitos se recusam a realizar atividades com medo de mostrar os erros e repetir o fracasso. Com isto criam um vínculo negativo com a aprendizagem, podendo apresentar atitude agressiva com professores e colegas.

Por isso, os professores devem se especializar para que este aluno não sofra tanta discriminação na vida escolar, uma vez que este ainda não recebe um acompanhamento adequado para superar esta dificuldade (RODRIGUES; SILVEIRA, 2008, p. 3).

Para haver mudanças de posturas é necessário o compromisso de todos envolvidos no processo em querer mudar, conforme nos adverte Freire (1979, p.58), “não se pode permitir que a neutralidade continue permeando diante às situações que são impostas, perpetuando comportamentos manipuláveis pelo sistema educacional que castra qualquer possibilidade de desenvolvimento reflexivo, sendo o homem sujeito de sua educação e não objeto dela”.

Fica, portanto, o desafio para os educadores de aprender, ensinar e encantar seus alunos num universo onde a leitura e a escrita aparecem de diversas maneiras nos ambientes e apesar disso vivemos à volta com índices elevados de analfabetismo funcional, repetência e evasão escolar.

3 METODOLOGIA

A investigação prática – estudo de caso, “uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (YIN, 2001 p. 33), foi feita durante o período de 23 de julho a 27 de agosto, sendo dois encontros semanais, na turma do 3º ano do Ensino Fundamental I, em uma escola da rede particular de ensino, situada no município de Nossa Senhora do Socorro/SE, em que buscou-se recolher dados sobre um aluno que demonstrava dificuldades de leitura.

Segundo a professora E. F., o aluno não compreendia o processo da leitura e da escrita, somente copiava. Ela era uma criança interessada, disciplinada, criativa, mas, ao mesmo tempo, dispersa às explicações, não concluía as atividades no tempo previsto e não desenvolvia a leitura.

Após o levantamento bibliográfico circundante à temática do presente estudo, foram tomados os seguintes passos:

a) Pretendeu-se, no primeiro passo do trabalho, observar e analisar a relação de convívio do aluno com a equipe de profissionais da escola, o corpo discente, coordenadores, supervisores e demais membros da comunidade escolar. Ainda nesta fase, buscou-se conhecer o currículo utilizado neste estágio de escolaridade do aluno mencionado, métodos e recursos usados para serem alcançados os objetivos do currículo. Estas observações foram realizadas em três encontros. Os autores Marconi e Lakatos explica que o instrumento da observação, é importante, uma vez que é utilizado “os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Consiste de ver, ouvir e examinar fatos ou fenômenos” (MARCONI & LAKATOS, 1999, p. 90);

b) O segundo passo foi direcionado à investigação do comportamento e atitudes do aluno. Após a observação inicial, foi investigado as realizações das tarefas escolares feitas por ele, principalmente nas atividades de leitura e produção de texto, assim como a hora de brincar, sua interação com os colegas e a relação com o seu professor;

c) O terceiro passo foi um encontro com os pais, na ocasião, somente a mãe pode comparecer. Durante a exploração, foi realizada uma anamnese com o objetivo de obter o máximo de informações a respeito da gravidez, nascimento e desenvolvimento da criança, e a relação que tinha com o ensino e a aprendizagem da leitura, na oportunidade, foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento para ser feita uma intervenção psicopedagógica com o referido aluno. Esta fase é importante, pois através da história de vida da criança, é possível

“detectar o grau de sua individualização que [...] tem com relação à mãe e a conservação de sua história nela” (PAÍN, 1992, p. 42);

d) No quarto passo, foram realizadas avaliações investigativas projetivas: par educativo, teste da família, teste livre, E.O.C.A. (Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem), testes e jogos psicopedagógicos. Weiss (1992) defende que a utilização destas técnicas, uma vez que “têm como objetivo principal determinar o grau de aquisição de algumas noções-chave do desenvolvimento cognitivo, detectando o nível de pensamento alcançado pela criança” (WEISS, 1992, p. 106);

e) Por fim, foram realizadas avaliações específicas de leitura e interpretação de textos, através da modalidade oral da língua, finalizando-se, assim, os testes para a validação das hipóteses do presente estudo.

Após o levantamento de dados, foi possível preparar uma devolutiva para a escola com as principais constatações a respeito do estudo de caso, no intuito de conscientizá-la acerca do problema diagnosticado com o nosso objeto de estudo – um aluno, em específico, do 3º ano do Ens. Fundamental I.

A seguir, temos a análise científica emanada da coleta de dados, como sugere Paín (1992, p. 69) “uma vez recolhida toda a informação [...] é necessário avaliar o peso de cada fator na ocorrência do transtorno da aprendizagem”.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, foram analisados os dados obtidos nas observações do campo de pesquisa e através dos instrumentos de coleta de dados, testes projetivos que foram aplicados com o objetivo de depurar o processo de hipóteses de suspeita de implicações emocionais que

pudessem está interferindo negativamente na dificuldade de leitura e escrita, para isso usamos três temas: Par educativo, teste da família e o teste livre, aplicados ao objeto de estudo, os quais puderam constatar que:

a) No teste par educativo percebemos que o aluno é integrado à classe: há uma conduta amigável do aluno (nosso objeto de estudo) com sua turma e com os demais membros da escola, assim como apresentou características de gentileza, sempre disposta a colaborar com todos.

TESTE	OBSERVAÇÃO
PAR EDUCATIVO	O aluno possui boa conduta social.

b) O teste da família, demonstrou que o aluno, participativa e estava disponível para o aprendizado, o que facilita o processo educativo. Porém, a participação da família é um fator essencial para o processo de aprendizagem, pois, de acordo com Antunes (2007, p. 31), “a criança se desenvolve de maneira mais efetiva no contexto escolar quando a família participa do seu processo de educação, pois é ela o seu primeiro referencial”.

TESTE	OBSERVAÇÃO
VÍNCULO FAMÍLIA	O aluno demonstrou estar ávido para aprender, porém a família precisa o acompanhar com mais frequência.

c) No teste livre, notou-se um atraso no que poderíamos esperar em relação a sua idade, no que diz respeito ao expressar o emocional e o concreto no seu dia a dia.

TESTE	OBSERVAÇÃO
TESTE LIVRE	O aluno possui distorção idade-comportamento.

d) No teste EOCA (Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem), identificou-se que o aluno falava bastante durante a realização das tarefas; mas pronunciava as palavras com dificuldade, como “prato/bloco/estrada/placa”, o que, diante desta dificuldade, fazia-o desistir fácil dos seus deveres de cunho oral; e demonstrou ser uma criança muito criativa.

TESTE	OBSERVAÇÃO
EOCA (Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem)	O aluno possui dificuldades fonoaudiológicas e tem grande teor criativo.

Esses elementos foram observados utilizando a entrevista organizada, a qual colocou à prova o aprendizado. Nesse tipo de instrumento de coleta de dados, conta-se com qualquer material, dependendo da idade e da queija do objeto de estudo. No nosso caso, utilizamos folhas de papel pautadas, lápis de cores, lápis de escrever, borracha, giz de cera, papéis variados e coloridos, livros de literatura infantil, pincel, tinta, estojo, apontador, régua, lápis preto sem ponta, brinquedo didático.

e) Nos testes de leitura e escrita, o aluno não chegava ao fim; frequentemente não discriminava letras, quando o fazia confundia várias vezes, não lia; desempenhava cognitivamente inferior ao esperado para sua idade.

TESTE	OBSERVAÇÃO
TESTE DE LEITURA E ESCRITA	O aluno apresentou dificuldade de leitura com uma possibilidade de dislexia (distúrbio dislexo)

A IDA (Internacional Dyslexia Association) é uma dislexia que se manifesta em problemas de leitura, problemas na aquisição de proficiência na escrita e na ortografia. Segundo Morais (1996), vários são os tipos de disléxico: os disléxicos fonológicos, os ortográficos e os mistos que indicam uma dificuldade tanto no aspecto fonológico quanto gráfico das palavras. Além disso,

Um distúrbio específico da linguagem de origem constitucional e caracterizada por dificuldades na decodificação de palavras isoladas, que normalmente reflete insuficientes competências de processamento fonológico. Estas dificuldades são inesperadas em relação à idade e a outras capacidades cognitivas e acadêmicas. A dislexia manifesta-se em múltiplas dificuldades, em diferentes formas de linguagem, e inclui juntamente com os problemas de leitura, problemas na aquisição de proficiência na escrita e ortografia (SNOWLING, 2004, p. 25).

A base da dislexia está na perda da condição para ler ou deficiência na aprendizagem da leitura em relação ao estágio de vida em que o indivíduo se encontra, mesmo sem apresentar lesão cerebral.

Durante o processo de minimização da problemática explicita nos diagnósticos acima, foram realizadas cinco atividades de leitura, escrita e oralidade, a fim de auxiliar o aluno em seu processo educativo, o que incluiu diversos exercícios de aprimoramento do uso da língua, através do trabalho com o gênero textual história em quadrinhos.

INTERVENÇÕES	RESULTADOS
ATIVIDADES DE LEITURA, ESCRITA E ORALIDADE	O aluno tornou-se, de fato, um leitor ativo, refletindo sobre os temas diversos contidos no contexto social ao qual está inserido.

A análise dos dados obtidos, permitiu-nos verificar que a criança a quem aplicamos os testes investigatórios apresentou resultados muito positivos quanto à velocidade de leitura de textos e de palavras isoladas, tornando-o um leitor mais fluente, o que lhe possibilitou compreender melhor o que lia e refletir sobre o contexto social ao qual está inserido.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa pôde concluir que a leitura continua sendo o grande fator no desenvolvimento cognitivo e social do educando, haja vista que o nosso objeto de estudo – inicialmente, com muitas dificuldades de leitura, diagnosticado, inclusive, com um quadro de dislexia –, evoluiu positivamente durante os testes psicopedagógicos aplicados. Contudo, é preciso o envolvimento de toda equipe escolar, família e a equipe de profissionais multidisciplinar, a fim de aproximar os múltiplos contextos dentro e fora da sala de aula. para diagnosticar e minimizar as dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita.

Nesse sentido, compete ao profissional psicopedagogo, o papel de criar mecanismos de minimização junto à equipe escolar no que diz respeito às dislexias presentes no corpo discente. Portanto, é de suma importância que as escolas ofereçam aos nossos alunos condições de acesso e permanência, o que inclui atividades diferenciais e acompanhamentos individuais, com objetivo de suprir os casos de iletrismo e analfabetismo, principalmente no quesito distorção idade-série.

Urge, por fim, mais políticas públicas no tocante ao ensino especial individualizado, pois muitos professores não estão aptos a solucionar frequentes dificuldades de aprendizagens emanadas de distúrbios de leitura, como a dislexia. Isso posto, é fundamental frisar a importância de estudos científicos que contribuam para essa prerrogativa, bem como promova reflexões e críticas inerentes ao ofício docente.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, W. de A. **Lendo e formando leitores:** orientações para o trabalho com a literatura infantil: circuito Campeão. São Paulo: Global, 2007.

ARAÚJO, Simaia Sampaio Maia Medrado de. **Distúrbio e transtornos**. 13 dez. 2007. Disponível em: <<http://psicopedagogiabrasil.com.br/distúrbios.htm>>. Acesso em 02 de mar. 2019.

BOSSA, Nadia A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus. 2002.

CÓDIGO DE ÉTICA DA ABPp. *In: Revista Psicopedagogia*. São Paulo. v.12, Nº25, p.36-37, ABPp, 1993.

CORDEIRO, Lednalva Oliveira. **Teoria e Prática Clínica**, Rio de Janeiro, Editora Wak, 2013.

DAVIS, R. D. **O dom da dislexia: O novo método revolucionário de correção da Dislexia e de outros transtornos de Aprendizagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

FAGUET, E. **A arte de ler** (trad. Adriana Lisboa). Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. 23.ed. São Paulo. Autores associados: Cortez, 1989.

_____. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

IANHES, Maria Eugênia; NICO, Maria Angela. **Nem sempre é o que parece: Como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª ed. 13ª impressão. São Paulo: Editora Ática. 2008.

MALLAGY, V.; MARCON, K. Dossiê – educação e tecnologias. Paraná: **Revista Espaço Democrático**, v. 12, n. 139, 2012. Disponível em:

<<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/issue/view/702>>. Acesso em: 01 de dez. 2018.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MIRANDA, M. A. M. de. **A importância do psicopedagogo na instituição escolar**. 2010. Disponível em: <<http://psicopedagogiat6unifev.blogspot.com/2010/11/importancia-do-psicopedagogo-na.html>>. Acesso em 30 de jan. 2019.

MORAIS, J. (1996). **A arte de ler**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista. PAÍN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: editora 34, s/d. Disponível em: <http://stoa.usp.br/brunafs/files/-1/16099/Os_Jovens_e_a_Leitura_-_Mich_le_Petit.doc>. Acesso em 01 de fev. 2019.

POE, Edgar Allan. A Filosofia da composição. In: BARROSO, Ivo (org.). **“O Corvo” e suas traduções**. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2000 (2ª edição).

PORTO, Oliva. **Psicopedagogia institucional: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico**. Rio de Janeiro: Wake ed., 2006.

RODRIGUES, Maria Zita; SILVEIRA, Leila. **Dislexia: Distúrbio de aprendizagem da leitura e escrita no Ensino Fundamental**. 24 abr. 2008. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artides55511dislexia-disturbio-de-aprendizagem-da-leiturae-escrita-no-ensino-fundamentalpagina1.html>>. Acesso em: 7 abr. 2009.

ROSSINI, M. A S. **Aprender tem que ser gostoso...** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SILVA, E. T. da. **A produção da leitura na escola: Pesquisas x Propostas**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

SIEGEL, Reva. “Constitutional Culture, Social Movement and Constitutional Change: The Case of the ERA”. In: **California Law Review**, vol. 94. Berkeley: University of California Press, 2006, p. 1323-1419.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SNOWLING, Margaret J. **Dislexia**. 2ª ed. Livraria Santos Editora Ltda. São Paulo, 2004.

WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia Clínica**: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

ZONTA, Márcio. **ABD – Associação Brasileira de Dislexia**. São Paulo. Revisado em 7 de fev. 2008. Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br>>. Acesso em 2 de out. 2018.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 2. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ANEXOS

ANEXO A – AVALIAÇÃO E.O.C.A.

suas criações ou no comportamento
() é criativo(a)
Observação:

AVALIAÇÃO – E.O.C.A.

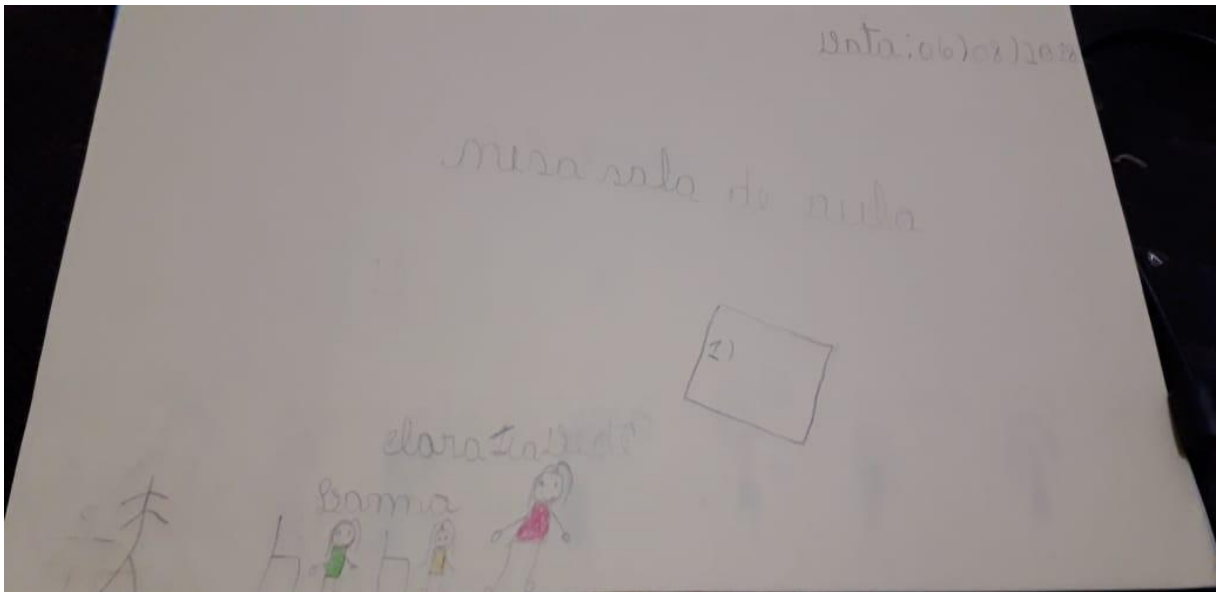
Aspectos	Ação do sujeito	Possíveis causas
Temática		
Dinâmica		
Produto		
Obstáculos que emergem na relação com o conhecimento		
Hipóteses		

Delineamento da investigação:

Conclusão:

ANEXO B – DESENHOS FEITOS PELO ALUNO





ANEXO C – TESTE PROJETIVO DO ALUNO

Primeiras reações:

Chorou logo? Quanto tempo? _____

Precisou de oxigênio? Quanto tempo? _____

Reação após o primeiro dia de vida:

Ficou icterício? (amarelo, esverdeado) _____

3.4. Desenvolvimento

a) Sono: () calmo () agitado

Dorme bem? _____

Tem sudorese durante a noite? _____

Range os dentes enquanto dorme? _____

Acorda várias vezes durante a noite? Volta a dormir facilmente? _____

Fala dormindo _____

sonâmbulo? _____ Tem _____

pesadelo? _____

Apresenta terror noturno? _____

Dorme sozinho ou com alguém no quarto? _____

Tem cama individual? _____

A criança acorda e vai para a cama dos pais? _____

b) Alimentação

Mamou direito ou apresentou dificuldades na sucção? _____

Quanto tempo se alimentou através do seio? _____

Usou mamadeira? Até quando? _____

c) Desenvolvimento Psicomotor

Sustentou a cabeça? _____

Quando? _____

Rolou? Quando? _____

Sentou com ajuda? Quando? _____

Sorriu? _____

Quando? _____

Engatinhou? Quando? _____

Ficou de pé? Quando? _____

Andou? Quando? _____

Balbuciou? Com que idade? _____

Falou as primeiras palavras? Quando? _____

Falou corretamente? Quando? _____

Trocou letras? Falando ou escrevendo? _____

Falou muito errado? Até quando? _____

Gaguejou? _____

Houve alguma dificuldade especial para aprender a ler? _____

a contar? _____

a escrever? _____

Adapta-se facilmente ao meio? _____

Tem apelido? _____

É mais dado a liderar ou a ser liderado? _____

É autoritário? _____

Gosta de jogos esportivos? _____

3) Doenças

Teve alguma doença? Qual? _____

Com que idade estava? _____

Já teve convulsões com febre? _____

Já teve desmaios? _____

Sofreu alguma operação? Qual o tipo? _____

Que idade tinha? _____ Ficou roxa alguma vez? _____

Tomou vacina? Quais? _____

Tomou algum remédio controlado? Qual? _____

4 - ANTECEDENTES FAMILIARES

(Estas questões devem ser respondidas considerando-se pai, mãe, avós maternos e paternos, tios, primos maternos e paternos)

Há algum nervoso na família? _____

Há algum deficiente mental na família? _____

Há alguém internado? Por quê? _____

Alguém bebe muito? _____

Alguém viciado em drogas? _____

Há alguém com alergia ou asma? _____

Há alguém com ataques? Que tipo? _____

5 - AMBIENTE FAMILIAR E SOCIAL

a) Moradia: () casa () apartamento

Há um lugar para a criança estudar? _____

Há lugar para a criança brincar? _____

b) interrelações:

Qual a relação da criança com a mãe? _____

Qual a relação da criança com o pai? _____

Qual a relação da criança com as demais pessoas da família? _____

Mãe, como se julga? () calma () nervosa

Como trata os filhos? _____

Pai, como se julga? () calmo () nervoso

Como trata os filhos? _____

Como é a relação entre o casal? _____

Quem cuida dessa criança? _____

Quem a leva ao médico? _____ E à escola? _____

6 - INDEPENDÊNCIA

Com que idade começou a comer sozinha? _____

a vestir-se sozinha? _____ a tomar banho sozinha? _____

7 - TIPOS DE PUNIÇÃO

() sermão () castigo corporal () castigo () abstinência () outro: _____

Qual a reação da criança quando é castigada? _____

Qual é a autoridade melhor acatada? _____

8- Informações adicionais que os pais ou responsáveis gostariam de expor que não foi perguntado.

ANEXO D – TESTE DE ANAMNESE

Costuma ou costumava esquecer o que aprendeu? _____

Comp foi a dentição? _____

Quando adquiriu o controle dos esfíncteres:

Anal diurno: _____ Vesical diurno: _____

Vesical noturno: _____

Como foi ensinada no controle dos esfíncteres? _____

d) Manipulações:

Usou chupeta? Até quando? _____

Chupou o dedo? Até quando? _____

Roeu ou rói unhas? _____

Puxa as orelhas? _____

Morde os lábios? _____

Qual a atitude diante destes hábitos? _____

e) Tiques

A criança apresenta tiques? _____

Atitude tomada pelos pais? _____

f) Escolaridade:

Vai bem na escola? _____

Gosta de estudar? _____

Costuma faltar às aulas? Por quê? _____

Os pais estudam com a criança? _____

Gosta da professora? _____

É castigado quando não tira boas notas? _____

Quais matérias apresenta mais facilidade? _____

Quais matérias que tem mais dificuldade? _____

É irrequieta na classe? _____

Foi reprovado alguma vez? Por quê? _____

Freqüentou creche? _____ Freqüentou Jardim da Infância? _____

Mudou muito de escola? _____

Utiliza a mão direita ou à esquerda? _____

Como se dá o seu relacionamento com:

Colegas: _____

Demais funcionários da escola? _____

g) Sexualidade

Apresentou curiosidades sexuais? Quando? _____

Qual foi a atitude dos pais? _____

A criança se masturba? Quando começou? _____

Qual a atitude dos pais? _____

h) Sociabilidade

Faz amigos facilmente? _____

Gosta de fazer visitas? _____

APÊNDICE

APÊNDICE ÚNICO – DECLARAÇÃO DE CORREÇÃO ORTOGRÁFICA

DECLARAÇÃO DE CORREÇÃO GRAMATICAL

DECLARO para os devidos fins que se fizerem necessários que realizei a correção gramatical do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: **O PAPEL DA PSICOPEDAGOGIA E A DIFICULDADE DA APRENDIZAGEM DE LEITURA: um estudo de caso**, realizado pela acadêmica: Edeildes de Moura Tsuha, da Faculdade Jardins – Aracaju/SE.

Por ser verdade, firmo a presente com minha assinatura.

Aracaju/SE, ____ de _____ de _____.

Professor: Jefferson Matheus Lima dos Santos

Graduando em: Letras Português e Espanhol (Faculdade Pio Décimo); Diretor-geral da JM Editora; Bolsista do Residência Pedagógica (CAPES/MEC); Intérprete de Espanhol (Museu da Gente Sergipana).